

Escritor sem talento é como espingarda sem cartuchos.

ANO V — N.º 143

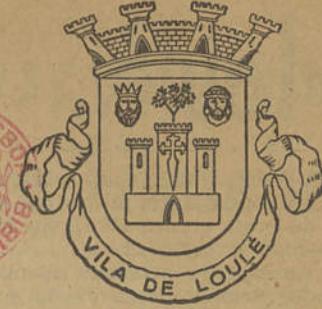
NOVEMBRO

24

1957

A Voz de Loulé

LISB.



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRETOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

NOVOS HORIZONTES

Dois factos recentes e de certa envergadura vieram trazer a Loulé condições para um futuro melhor: a estação distribuidora de energia eléctrica para todo o Algarve e a instalação, na sede do concelho, duma escola de ensino Técnico elementar, um e outro facto deslocando para aqui e aqui fixando um certo número de funcionários.

Surge-nos agora, pela primeira vez, a possibilidade de criar e desenvolver o quadro da indústria regional moldado em bases sólidas, aproveitando para isso a matéria prima local (figo, alfarroba, amendoas e cortiça) ou usando de matéria importada, pois só agora nos é assegurado o fornecimento de energia em condições de estabilidade e de preço acessível. É possível que as tarifas oferecidas para fornecimento de energia não sejam as que mais convêm para a pequena indústria e que por esse facto fiquemos em desigualdade flagrante com outras regiões do País, especialmente o Norte, cuja energia vem de quedas de água produzida a baixo preço. De qualquer modo, a unidade trazida em corrente de alta tensão sempre deve ba-

ter em preço a unidade produzida à custa de qualquer combustível.

A reforçar todas as possibilidades enquadradas na nova fonte de energia, temos a criação da escola de ensino técnico, de cujas aulas sairão centelhas de produtivo trabalho, trabalho prático e valorizado que se projectará sobre os variadíssimos ramos da actividade, enchendo assim de vigor e alegria a cansada estrutura do nosso rolo social.

Gente nova, gente que seja capaz de trabalhar com mestria e saber e que não hesite em manejar a ferramenta, é o que se impõe. Deixemos os mangas de alpaca para os liceus e para outros ensinos de formação caseira; as escolas técnicas elementares são para formar homens da construção civil, bons mestres-de-obra, bons serralheiros, bons escriturários. Que sejam eles os futuros dirigentes da oficina de carpintaria, da serralharia, da instalação eléctrica, da alfaiataria, etc., pois para isso aprenderam o cálculo e o desenho. Nós temos condições de explorar em alta escala a indústria da pedra trabalhada, por quanto dis-

(Continuação na 2.º página)

Alte e as suas fontes

Por várias vezes pegámos na pena, para falar das Fontes de Alte, mas a circunstância especial do Director de «A Voz de Loulé» ser o patrono da respectiva Junta de Freguesia e não querer, por um louvável escripulio de idoneidade profissional, que se dissesse ou pensasse que o jornal era utilizado para favorecer o seu ponto de vista, tolheu-nos a intenção.

Quem quisesse ver o caso com objectividade e clarividência, concluiria que nada tinha uma coisa com a outra, pois que, tratando-se de escritos, em que se puesses o nome por baixo, ficava bem expressa a responsabilidade da autoria... Mas o nosso Director quase suplicava, não impunha: Não mecham nisso!

E nós que considerámos a sua atitude nobre, digna e cheia de isenção, respeitámos a sua vontade e nada dissemos.

Hoje, porém, que uma feliz conciliação ou acordo judicial pôr termo à acção sentimo-nos desbragados e aptos para dizer o que pensamos do caso.

A Junta de Freguesia de Alte, que sempre tem evidenciado, através dos vários Presidentes que teve, um exaltável espírito de bairrismo, puro e sôa, posto ao serviço do engrandecimento e enfeiteamento da sua linda aldeia, sempre tem pugnado pelo alinhamento e aproveitamento da beleza bucólica e invulgar das margens da sua cantante ribeira.

Mas o actual Presidente, a quem Alte deve a mais alta e notória acção no sentido de a integrar em ambiente de bom turismo merece dos alenteses a mais alta consideração porque tem feito da sua vida, o sacrifício ingênuo e exaltável da subordinar aos interesses dessa nobre causa.

José Vieira é um símbolo do progresso de Alte, é um doente crônico de tudo o que represente valorização moral, material ou espiritual da sua aldeia.

Para outra ocasião deixámos o panegírico deste bom e modelar cidadão a quem o nome e o cartaz que Alte tem no Turismo algarvio, tudo deve e que pode bem

(Continuação na 3.º página)

PORQUE ESTÁ DECRESCENDO EM LOULÉ o ritmo da construção civil

Com exceção de Faro, cremos poder dizer que é Loulé a terra do Algarve onde maior número de construções se têm verificado nas últimas dezenas de anos. Este facto tem contribuído enormemente para a beleza dos arruamentos como para a estética das construções que neles se têm erguido.

Nos últimos anos, porém, tem decrescido notavelmente esse ritmo, que dava a Loulé um acenado surto progressivo, contribuindo consideravelmente para o seu desenvolvimento e dando trabalho a muitas centenas de braços.

E isto está acontecendo apesar de não faltar quem deseje mandar construir a sua casa. Simplesmente não encontra quem lhe venda terreno na área para onde a nossa vila lógicamente terá de se expandir.

Deste facto está resultando não apenas a quase paralisação de uma indústria que tem sido das mais importantes de Loulé como ainda está obrigando muitos louletanos a mandar construir casas noutras terras quando desejariam fazê-lo em Loulé.

Liszt cerrava os olhos para melhor sonhar a melodia digna daquele grande sonho, que a princesa o fazia sonhar, e que ia metrificando, nas teclas, como as rimas gloriosas dum soneto admirável de Petrarcha.

Carolina envia-o num longo beijo, terno e lânguido, retribuindo toda a poesia das frases musicais, que Franz lhe ia dedicando. E o piano ia dizendo da felicidade desse momento de amor, traduzindo, na sua linguagem esvoaçante, toda a ternura dum coração amado.

E a terna amante apertava-o mais e mais. Desse «frou-frou» de epidérmis, em orgia meiga, saíram as mais belas notas musicais — mais sonhadoras, mais amorosas, a compasso com o batir dos dois corações.

Nunca, até ali poeta algum, do prosa, do verso, ou do piano, tivera a suprema ventura de sonhar um grande amor, sentindo-

(Continuação na 2.º página)

Isto já tem dado ensejo a que muitas pessoas tenham estranho que sendo eu louletano e vivendo em Loulé tivesse que mandar fazer um prédio em Faro. Na verdade é realmente estranho que isto aconteça e tanto mais estranho quanto é certo que o fiz contra vontade.

Não apenas por uma questão de bairrismo mas até por conven-

(Continuação na 4.º página)

CARIDADE OUTONAL

... «crê na minha amizade e confia...»

Esta fase escreveu-me uma LORELEI que eu ainda gostava de saber quem era, aqui há uns anos. Nessa altura o que eu previsava era de trabalho. Amizades tinhas-as, às dezenas, por todos os cantos, e nunca soube de nenhuma que se desse à maçada de pensar sequer que, se eu pedisse trabalho, não era por desporto, mas porque dele necessitava na verdade. Talvez pensasse que era brincadeira. Sempre tém tido a mania que eu armo ao pelintra por prazer...

... «Crê na minha amizade e confia...» Pois sim. Nesta ou em qualquer outra. Por que não? Confiei em toda a gente. Fui confiando até ao momento em que

ALMOÇO DE confraternização dos antigos alunos e professores do Liceu de FARO

Para continuidade da festa de confraternização dos antigos alunos e professores do Liceu de Faro, realizada o ano passado, uma Comissão pretende levar a efeito este ano nova festa no dia 1 de Dezembro, em Lisboa.

Para isso convidam-se todos os antigos alunos e ex-^{mo} professores que estudaram e lecionaram naquele estabelecimento de ensino.

Todas as adesões e moradas dos interessados devem ser dirigidas ao sr. António José Fontainhas, Rua Castilho, 36-1.º F — Telefone 732524, em Lisboa, ou para a Casa do Algarve, na mesma cidade.

Todos os assistentes poderão fazer-se acompanhar dos seus cônjuges.

O lugar da realização do almoço será oportunamente anun-

QUARTEIRA... a nossa praia

Como já acentuáramos, os nossos propósitos ao iniciar os artigos sobre Quarteira, visavam objectivos que nos pareciam afins dos da Junta de Turismo. Conseguir algo de real, positivo, concreto, valorizante para a nossa Praia.

Vem o sr. Dr. A. S. P., com sete pedras na mão, faz-me desviar a conversa para um campo onde se julga forte — o da dialectica — e que eu sempre evitava, pensando que o debate devia ser apenas no campo de critica clara, produtiva e útil.

Quando disse que por deturpação de funções a Junta de Turismo, tratava apenas da iluminação de Quarteira, não queria dizer que fosse ilegal ou ilegitima a sua actuação.

Queria dizer que, em tantos anos que a Junta existe, apenas tem tido a preocupação de «dar luz», quando eu queria que desse «turismo».

Portanto os artigos do Código, não lavam a minha afirmação de que tem havido deturpação de funções.

E, se não, digam-nos, onde é que se tem gasto a receita anual de turismo que é, julgo, da ordem dos 70 contos anuais?

Essa receita se não tivesse sido consignada à modificação da rede eléctrica, equipamento da Central e despesas congêneres, não teria servido para custear os encargos de um empréstimo com o qual se teria encarado o problema do Casino ou melhor ainda de um Hotel?

A minha lealdade manda que insira o sr. Dr. A. S. P. de culpas «que de longe vêm», mas custa-me estar a vê-lo dominado pelo espírito que ali sempre tem imperado.

(Continuação na 3.º página)

Sociedade Recreativa

Artística Louletana

No próximo dia 1.º de Dezembro comemora esta prestimosa sociedade o seu 26.º aniversário, para o que foi já elaborado o respectivo programa que inclui uma sessão solene na qual usará da palavra o sr. Dr. Aires de Lemos Tavares que pronunciaria uma conferência sob o tema: «Porque me orgulho de ser português».

O baile que se seguirá é abrillantado pela apreciada Orquestra «Enterpe», de Tavira.

MONUMENTO AO DR. BERNARDO LOPES

— Lisboa, 20\$00; Joaquim Dionísio Madeira — Venezuela, 30\$00; João de Sousa Dias — Lisboa, 20\$00; José Paulino Guerreiro — Amendoeira, 10\$00; José Guerreiro da Costa — Amendoeira, 28\$00; Francisco de Sousa Dias — Amendoeiras, 2\$50; Manuel de Sousa Faisca — Amendoeira, 1\$50; José Miguel Rosa — Amendoeira, 1\$50; Manuel Viegas Costa — Amendoeira, 2\$50; José Guerreiro Costa — Amendoeira, 1\$50; José Manuel Rosa Costa — Amendoeira, 1\$00; Manuel Nunes Madeira — Amendoeira, 1\$50; António Correia —

(Continuação na 2.º página)

Frutos secos do Algarve

A exportação do primeiro trimestre acusa os seguintes números: grão de alfarroba, 569 toneladas, no valor de 4.415 contos; amendoim em casca, 35.270 quilos, no valor de 404 contos; miolo, 910.542 quilos, no valor de 38.503 contos; figos secos, 157 toneladas, no montante de 443 contos.

De conservas de produtos hortícolas, saíram 527 toneladas, no valor de 3.598 contos.

Em relação ao primeiro trimestre do ano passado, o índice do miolo de amêndoas caiu para 88.6.

Foram principais compradores: França, 16.239 contos; Reino Unido, 12.561; Alemanha, 2.974; Bélgica-Luxemburgo, 1.727; Suécia, 1.483 e Finlândia, 1.287 contos.

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou na sua última reunião:

a) Registar em acta votos de congratulação pelo restabelecimento da saúde dos srs. Prof. Leite Pinto e Eng. Arantes e Oliveira, ilustres ministros, respectivamente, da Educação Nacional e das Obras Públicas, e de reconhecimento pelo carinho com que ambos têm atendido as aspirações do Algarve;

b) Actuar superiormente no sentido de conseguir que Sagres seja dotada, com urgência, da já prometida Pousada de Turismo do S. N. I., e que seja divulgado o plano de urbanização das Caldas de Monchique e reavivado o problema da construção do Aeroponto de Faro;

c) Inaugurar em 25 do corrente, na Sede da agremiação, uma exposição fotográfica das aspectos de Lagos, constituída por trabalhos da autoria do artista local sr. Afonso Caneças Furtado;

d) Integrar nas actividades da Comissão de Turismo e Propaganda da colectividade a conferência que o presidente honorário

(Continuação na 2.º página)

(Continuação na 2.º página)

Duarto Pacheco

Numa piedosa manifestação de saudade e sentimento pela passagem do aniversário da trágica morte do saudoso e ínclito estatista, o Sr. Presidente da Câmara depôs, na manhã do dia 16, um ramo de flores na base do imponente monumento que perpetua a sua memória.

Também os Bombeiros Municipais tiveram igual gesto, comparecendo em formação junto do monumento e ali colocando ramos de flores.

(Continuação na 2.º página)

Louletanos na Argentina

Através de notícia, acompanhada de fotografia, publicada no jornal da colónia portuguesa da Argentina «Ecos de Portugal» tivemos conhecimento da homenagem prestada ao nosso prefeito amigo e assinante sr. António Bento das Neves, por motivo da inauguração do novo edifício escolar de Villa Elisa, de que faz parte a «Sala João de Deus», mandada construir e decorar por aquele nosso conterrâneo.

Para continuidade da festa de confraternização dos antigos alunos e professores do Liceu de Faro, realizada o ano passado, uma Comissão pretende levar a efeito este ano nova festa no dia 1 de Dezembro, em Lisboa.

Para isso convidam-se todos os antigos alunos e ex-^{mo} professores que estudaram e lecionaram naquele estabelecimento de ensino.

Todas as adesões e moradas dos interessados devem ser dirigidas ao sr. António José Fontainhas, Rua Castilho, 36-1.º F — Telefone 732524, em Lisboa, ou para a Casa do Algarve, na mesma cidade.

Todos os assistentes poderão fazer-se acompanhar dos seus cônjuges.

O lugar da realização do almoço será oportunamente anun-

ciado.

25 NOV. 1957

Agradecemos.

«Loulé... em retrato»

O Parque Municipal, sobretudo na parte da Mata, já tem que ver e dá gosto perder ali alguns momentos a percorrer-l-o.

As espécies arbóreas ali plantadas tem-se desenvolvido com rapidez e algumas apresentam um porte razoável, dando-nos já a impressão de densidade florestal, olhadas em conjunto.

Um dia destes, encontrámos ali um casalinho novo percorrendo muito abraçadinhos as áleas do Parque, num enlevo de alma que nos encantou.

Aqueles beijos e abraços em plena liberdade da natureza devem ter outro sabor, outro encanto, mais poesia.

Diz-se que quanto mais nos concentramos na natureza, mais nos aproximamos de Deus, e talvez, por isso, se possa dizer que elas representam um santo casal.

Loulé é das terras onde deve haver, presentemente, mais raparigas bonitas. Sim, porque, isto das raparigas bonitas é por tempos.

Sobretudo ao sábado, em que as raparigas dos arredores vêm à Vila, assiste-se na Praça a... veradeiras paradas de modelos.

E, bem vestidas, bem onduladas, com um ar sádico e já pretenso de quem sabe o que vale!

Temos de concordar que isto é,

Ecos de Alte

Resolveu-se no dia 18 deste mês, em Alte, no Passeio da Fonte Pequena, com a presença do Tribunal Colectivo, advogados de ambas as partes, e centenas de pessoas desta freguesia, a questão das fontes de Alte, e do caminho da Fonte Grande, ficando a Fonte Grande sob a administração da Junta de Freguesia, e por conseguinte o povo com direito a abastecer-se em ambas as fontes, nos mesmos termos em que o tem feito até aqui, e ficando os proprietários do Morgado, sr. Manuel Pedro Guedes e sr. D. Maria da Assunção da Horta Machado da Franca Guedes com direito aos sobejos da Fonte Pequena que é do domínio da Junta, sem prejuízo dos direitos de terceiros legitimamente adquiridos.

O mesmo sr. Manuel Pedro Guedes e sua esposa, sr. D. Maria da Assunção da Horta Machado da Franca Guedes, cedem o terreno para que o caminho para a referida Fonte Grande fique com cinco metros de largura e cedem também à Junta de Freguesia o terreno compreendido entre o aqueduto, o caminho e a referida Fonte, para no mesmo terreno se construir uma pequena alameda. Estas cedências são gratuitas.

Em resumo, ficou assim, a questão resolvida com satisfação para o povo e para os proprietários do Morgado de Alte.

Caso curioso, a própria Natureza pareceu acompanhar, no seu aspecto, o desenrolar deste julgamento. De manhã o tempo mostrou-se sombrio, carrancudo, como o semblante da maioria das testemunhas. Depois que foi anunculado o julgamento em Alte, viu-se no rosto de todos a serenidade e uma certa animação.

Por sua vez o tempo mudou e surriu na luz do sol entre as nuvens já dispersas. Em Alte, todos estavam alegres, esperançosos numa boa solução do assunto, e o céu tornou-se limpo, radiante, de luz outonal. E como, afinal, tudo se resolveu a bem para ambas as partes, a assistência quis mostrar o seu contentamento, coroando com uma salva de palmas o epílogo da questão; e ao mesmo tempo uma leve aragem fez cair, sobre todos, numerosas folhas douradas dos álamos, do Passeio da Fonte Pequena.

Fazemos votos para que todas as questões se resolvam assim.

C.

Julieta Domingues

Professora Diplomada de Corte e Alta Costura



Participa às suas estimadas Clientes e a todas as Senhoras que mudou a sua residência para a

RUA EGAS MONIZ, 22

(Esquina da Rua das Lojas)

onde continua aguardando as suas prezadas ordens.

Além de vestuário para senhoras e crianças, executa também com rapidez, economia e perfeição, todos os trabalhos em malhas para senhoras, homens e crianças, com os mais modernos padrões em «tricot» artístico.

LISZT

(Continuação da 1.ª página)

-se morrer aos afagos dessa mesma paixão.

O coração de Carolina batia, num rebato feliz da capelinha em dia festivo, e Liszt vivia ao piano, como nenhum outro poema, o seu «Sonho de Amor».

De mil e uma aventuras, desse a arte de amar de Margarida, à paixão da princesa, essa era a maior, a mais sentida de todas. Ela que fora uma Sand, autêntica, desde as calças, à preferência pelos puros sangue e aos charutos, tornara-se uma Margarida humilde...

Tudo isto Franz Liszt ia vivendo, de olhos cerrados, como «livreto» da sua canção a Carolina.

Por fim anoitecera, e já mal se vislumbrava na treva da sala a pose enternecida dos dois amantes. Apenas o piano quebrava o silêncio da noite, na hora desse momento imenso. A noite havia confundido como uma só peça cintzelada em mármore negro, melancólico, trabalhado por Miguel Angelo ou Rodin.

E a canção continuava, no fraseado terno do compositor — música dita para a eternidade por aquele sublime momento.

Por fim, o luar nasceu e, inéguo, veio espreitar por entre as persianas a cena de amor, no seu sorriso pálido. E a peça única e indivisível, desse par ditoso, passou a iluminar-se em determinados pormenores da sua escultura. Treva e luz davam um estranho claro-escuro a esse amor, esculpido de sonho e de luar.

Pelos ângulos da sala, em silêncio, a máscara mortal de Beethoven e o piano de Mozart não ousavam perturbar o inspiradíssimo Liszt.

Por fim, os acordes finais deram por concluída a canção.

Os dois amantes desembargando-se, decomporam a peça romântica, de cintzelado inimitável, e subiram até ao piano supérior do salão.

O luar enchia os campos de

uma luz Besnard, num dia de

prata, bordado a sombras de Corot. E ambos ficaram, extasiados, olhando o acampamento zíngaro, onde as almas se davam às balalaikas, como os andaluzes se dão ao flamenco. Era a Festa Nacional das vindimas, que o Outono Húngaro celebrava, num festim rústico, perante um altar de chamas, ardentes como esse grande amor.

Pela «mão» do luar, a noite viera bater na vidraça, silenciosamente, e ficara embevecida

desse esplendoroso quadro, em que um bojo rosado de Velasquez e um perfil romântico de Eugénio Lami se casavam, num contraluz sonhador.

E Liszt ia pensando no singular destino que tivera o seu «Sonho de Amor... eterno.

E ainda hoje a música de

Franz vive esse amor que não

passou de uma paixão impossível entre a nobreza de sangue e a nobreza de artista.

«Sonho de Amor» ficara, afinal, como um sonho eterno...

Liszt tinha escrito a mais bela página do seu talento — aquela que, por anos e anos, havia de cantar, em silêncio, na penumbra dum clausório, como o mais belo pecado da sua vida de monge.

Faro, 14 - X - 1957

Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Amendoineira, 2\$00; Eduardo Pires — Amendoineira, 1\$00; Manuel António Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Nunes Viegas — Amendoineira, 2\$50; Maria da Glória Brito — Amendoineira, 1\$00; Helena Louro — Amendoineira, 5\$00; Joaquim Afonso Correia — Amendoineira, 1\$00; Francisco Afonso Costa — Amendoineira, 5\$00; Francisco Pires — Amendoineira, 2\$50; José Maria Cavaco — Amendoineira, 1\$00; Manuel João Siqueira Afonso — Amendoineira, 2\$00; António da Silva Afonso — Amendoineira, 15\$00; Maria Esteves — Amendoineira, 2\$00; Manuel Guerreiro Madeira — Amendoineira, 5\$00; Manuel Esteves — Amendoineira, 5\$00; José Costa — Amendoineira, 2\$50; Manuel de Brito Guerreiro — Amendoineira, 2\$50; José Guerreiro Mealha — Amendoineira, 2\$50; Custódio José de Brito — Amendoineira, 2\$50; António Guerreiro da Luz — Amendoineira, 18\$00; António Guerreiro Costa — Amendoineira, 5\$00; Gentil Pereira — Amendoineira, 5\$00; Francisco Emídio da Costa — Amendoineira, 10\$00; Américo Afonso Correia — Amendoineira, 5\$00. A transportar, 28.612\$70.

António Augusto Santos

— x — x — x — x — x — x —

Monumento

ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

Plano de Actividade da Câmara Municipal de Loulé

(Continuação do número anterior)

ESCOLA TÉCNICA

A Escola Técnica de Loulé, cuja criação se encontra prevista pelo Decreto Lei n.º 36.409, de 11 de Julho de 1957, melhoramento que o bom povo louletano anseia desde há longos anos, vai ser criada por diploma a publicar dentro de breve tempo, segundo informações directamente colhidas junto do Ex.º Director Geral do Ensino Técnico, entrará em funcionamento no próximo ano lectivo, tudo depende de se obter um edifício onde possa funcionar provisoriamente até à altura em que seja, pelo Estado, construído edifício próprio.

Espera-se que os louletanos, cujo bairrismo é motivo do seu orgulho, hão-de colaborar com a Câmara no sentido de se removerem todas as dificuldades que possam surgir para obtenção do necessário edifício para que a nossa Escola Técnica entre em funcionamento no mais curto lapso de tempo.

As despesas com o fornecimento do edifício para instalação provisória da Escola, constituem, por certo, mais um encargo que vem pesar no orçamento Municipal, mas a Câmara encará-lo-á com satisfação e coragem por reconhecer que se trata de um melhoramento do mais elevado interesse para o progresso do Concelho, ao mesmo tempo que constitue uma das mais acarinhas aspirações da população de Loulé. O esforço a despende irá ao ponto de se adquirir um edifício que posteriormente tenha aplicação em serviços Municipais, se não houver possibilidade de arranjar solução menos dispendiosa.

PLACAS CENTRAIS DA AVENIDA JOSÉ DA COSTA MEALHA

Aprovado o projecto e concedida a comparticipação do Estado para sua execução deverá ainda este ano pôr-se a concurso a empreitada respectiva para efectivação durante o próximo ano.

ARRUAMENTOS

Revistos os projectos elaborados em tempos, respeitantes à pavimentação de diversos arruamentos da vila, fazendo parte dos bairros dos Olivais e da Igreja Matriz, a 1.ª e 2.ª fases da sua execução prevê-se para o próximo ano.

ABERTURA DE UMA RUA NA FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO

Está nos propósitos da Câmara, uma vez elaborado o projecto e comparticipação, proceder à abertura de uma rua que, saindo da rua de Nossa Senhora da Piedade, junto ao extremo poente da Praça Dr. Oliveira Salazar, se hão de dirigir para norte, por forma a dar satisfação aos legítimos anseios dos habitantes da freguesia de S. Sebastião.

MATADOURO MUNICIPAL

Espera-se que, no próximo ano, com a execução de mais uma fase de obras, se conclua este empreendimento, que vem sendo levado a efeito por fases, com vista aque a remodelação no Matadouro Municipal o deixe em satisfatórias condições de servir a missão a que está destinado.

PASSAGEM SUBMERSIVEL DA MARITENDA

Conhecido, de breve data, o despacho que aprova e concede a comparticipação do Estado para execução desta obra, cujo custo também é subsidiado pela Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, considera-se certo que a mesma terá realização no próximo ano, diligenciando-se ainda, no que está em curso, proceder-se à abertura do concurso público para a sua adjudicação.

(Continua no próximo número)

SEMPRE

Que deseja efectuar os seus seguros
Consulte:

Maria Madeira Cavaco Pereira

Av. Marçal Pacheco, 31-1.º LOULÉ

Que lhe proporcionará as mais vantajosas condições de seguros autorizados em Portugal em todos os ramos e todas as modalidades.

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

Ginginha e Eduardino

das Portas de Santo António

as melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos,
Diesel e a Petróleo
sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Compram-se

100 a 200 garrafões vazios, mesmo bastante usados.

Nesta redacção se informa.

Para os seus SEGUROS

consulte

Manuel de Sousa Pedro

—

SEGUROS em todos os ramos

Largo Dr. Bernardo Lopes

LOULÉ

ARMAZÉM

Aluga-se um armazém na
Avenida José da Costa Mealha, 4.

«A. Voz de Loulé» — Loulé —
N.º 143 — 24/XI/1957.

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela primeira secção de processos e nos autos de execução sumária que Joaquim Guerreiro Virote, casado, comerciante, residente nesta vila de Loulé, move contra Manuel João Vieira e mulher Argentina Mendonça Alcaria, ele pedreiro, ausente em parte incerta da Venezuela e ela doméstica, residente no povo e freguesia de Almancil, onde aquele teve a sua última residência conhecida neste País, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, notificando o aludido executado, Manuel João Vieira, de que por despacho de vinte e um de Maio do corrente ano, foi ordenada a penhora nos prédios a seguir descritos e confrontados, com a combinação de que a partir da notificação considera-se feita a apreensão, ficando os executados, quanto a eles, na posição de depositário.

Prédios penhorados:

Primeiro: Casas térreas com quatro compartimentos para habitação, uma dependência e terra de se semear com várias árvores, no sítio de Cabeça de Câmara, freguesia de S. Sebastião, inscrita na matriz urbana sob o A tigo dois mil quatrocentos e oitenta e cinco e na rústica sob o Artigo dois mil e vinte oito e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 30 149, a folhas 10 do Livro B. setenta e sete; e Segundo: Courela de terra arenosa com vinha e diversas árvores, no sítio de Semino, freguesia de Quarteira, inscrita na matriz sob o artigo quinhentos e cincuenta e seis e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número trinta mil cento e cinco e cem, a folhas dez verso do Livro B. setenta e sete.

Loulé, 13 de Novembro de 1957.

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifique a exactidão

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente Júnior

Manuel de Andrade e Silva

Ao comércio

Contabilista, monta, segue e actualiza escritas em atraço, balanço, assistência técnica, etc..

Informa Rua Martim Faro, 30 — LOULÉ.

Tratar com Carlos F. Vargas (Carlos Jacinto) — Quarteira.

Ora estes factos só vieram a ser contestados em 1950, quando se pretendeu afirmar que estes lugares de lodradouro e domínio público de tantos anos, eram propriedade particular.

E chegou-se ao facto irritante de se colocarem uns marcos, ligados por uma corrente, para barrar ao povo, o acesso aquilo que o direito consuetudinário parecia confirmar como bens do domínio público.

Daí surgiu a questão que, felizmente, acaba de ter o seu desfecho numa conciliação aceitável para as duas partes.

R. P.

Camara Municipal do Concelho de Loulé

EDITAL

JOSÉ JOÃO ASCENSÃO PABLOS, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Loulé,

FAZ SABER que, nos termos dos artigos 43.º e 44.º do Decreto n.º 23 460, de 17/1/1934, alterado pelo Decreto-Lei n.º 26.600 de 16/5/1936, se realiza no dia 1 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, nesta Câmara Municipal, a eleição dos representantes dos Caçadores na Comissão Venatória Concelhia, sendo eleitores e elegíveis para representantes dos mesmos os que estejam domiciliados neste Concelho com licença de caça concedida pelo menos seis meses antes do acto eleitoral, que não tenham sido punidos por violação do Decreto supra citado nos últimos três anos com multa igual ou superior a 100\$00 ou pena equivalente e aqueles que possuindo licença de caça relativa ao ano que precede a eleição exibindo conjuntamente licença de caça válida na data em que o acto se realizar.

Mais se torna público que se por falta de número legal de eleitores a eleição se não realizar esta se efectuará no dia 8 do mesmo mês, hora e lugar com qualquer número de eleitores.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Paços do Concelho de Loulé, 18 de Novembro de 1957.

José João Ascensão Pablos

«A. Voz de Loulé» — Loulé —
N.º 143 — 24/XI/1957.

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo Juiz do Direito desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu José Martins, trabalhador, ausente em parte incerta da França, com última residência conhecida no sítio do Brotual, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, para no prazo de 5 dias, posterior aquele dos éditos, contestar o pedido de concessão do benefício de assistência judiciária que lhe move sua mulher Rosa Guerreiro Felício a fim de poder intentar ação de divórcio litigioso.

Loulé, 23 de Outubro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

VERIFIQUEI

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária

Manuel de Andrade e Silva

QUARTEIRA

Vendem-se três prédios bem localizados e de boa construção.

Tratar com Carlos F. Vargas (Carlos Jacinto) — Quarteira.

R. P.

O PNEU que mais barato lhe sai por Km. é o da

MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

Escutismo e Filatelia

Associando-se às comemorações do Jubileu do Escutismo e do Centenário do nascimento de Baden Powell, seu fundador, que culminaram com o «Jamboree» realizado em Agosto em Sutton Park, Inglaterra onde se reuniram cerca de 50.000 escuteiros de todo o mundo, organiza o Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da A. E. P., a I Exposição Portuguesa de Filatelia Escutista, integrada no «Dia do Selo» e patrocinada pelo Clube Filatélico de Portugal e pelo jornal «Sempre Pronto».

Art.º 1.º — Organizada pelo Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da A. E. P., terá lugar de 1 a 8 de Dezembro, na Delegação do C. N. P., a I Exposição Portuguesa de Filatelia Temática Escutista, integrada no «Dia do Selo» e patrocinada pelo Clube Filatélico de Portugal e pelo jornal «Sempre Pronto».

Art.º 2.º — A exposição comportará exclusivamente selos postais, novos ou usados, sobreescritos e carimbos de 1º dia de circulação, e blocos, tudo respeitante à temática escutista.

Art.º 3.º — Podem inscrever-se, com coleções de sua propriedade, todos os colecionadores da especialidade, que enviarão ao Grupo organizador o material a expor, preparado para ser colocado no local que lhe corresponda, em quadros de madeira ou cartão, cobertos exteriormente por vidro ou «celofane».

Nos quadros a expor não deve figurar o nome ou qualquer menção que identifique o expositor, podendo todavia figurar um pseudónimo.

Art.º 4.º — Qualquer que seja o número de quadros apresentados, pagará o expositor a quantia única de Esc. 20\$00 de inscrição.

Registando-se falta de espaço para todos os quadros recebidos, serão alguns, por escolha do juri, retirados do local da exposição.

Art.º 5.º — Os quadros a expor devem estar em poder do Grupo organizador até ao dia 27 de Novembro, e viajarão absolutamente de conta e risco dos expositores. Estes, com a quantia da inscrição, farão remessa da verba necessária à devolução do seu material.

Os pedidos de inscrição equivalem à aceitação deste Regulamento.

Art.º 6.º — O Grupo organizador nomeará um juri idóneo, que julgará sem recurso.

Os prémios são os que a seguir se indicam:

1.º — Medalha, e artigos filatélicos oferecidos pela Casa J. Ell.

2.º — Medalha e artigos filatélicos.

3.º — Medalha.

Todos os expositores receberão sobreescritos com carimbo comemorativo, oferecidos pelo Clube Filatélico de Portugal.

Os casos omissos serão resolvidos pelo Grupo organizador se disserem respeito à organização, ou pelo juri, se se relacionarem com os quadros expostos.</p

Folhas de Férias
Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na
Gráfica Louletana
LOULE

Notícias pessoais

DOENTE

Num quarto particular do Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, em Lisboa, foi recentemente submetida a uma maledosa operação cirúrgica aos 2 olhos, a sr.º D. Maria do Carmo Garcia Domingues Bolotinha, esposa do nosso prezado amigo e colaborador sr. Augusto C. Bolotinha, que há anos reside naquela cidade.

Foi operador o distinto oftalmologista sr. Dr. Fernando Lacerda e a operação decorreu com êxito.

Sinceramente lhe desejamos pronto retabelecimento.

NASCIMENTOS

Na cidade de Toronto (Canadá) teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.º D. Maria Teresa Pais Cavadas Santana, esposa do nosso conterrâneo e prezado assinante naquele país sr. Joaquim Paulino Santana.

No passado dia 19, deu à luz uma criança do sexo feminino (o 10º descendente) a sr.º D. Maria do Natal Reis Ferro Dias, esposa da sr. Augusto Heitor Dias, dedicado chefe do Quadro Tipográfico onde é composto e impresso o nosso jornal.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabens, com votos de longa vida para a re-cem-nascida.

FALECIMENTOS

Contando 77 anos de idade, de faleceu nesta cidade, no preterito dia 13 do corrente, o sr. Joaquim da Costa Carvalho, abastado proprietário, natural de Tábuia e que há cerca de 50 anos residia em Loulé.

Deixa viúva a sr.º D. Maria da Glória Carvalho e era pai do nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Joaquim da Costa Carvalho Júnior, distinto advogado nesta vila.

Também faleceu nesta vila, no preterito dia 15, o nosso conterrâneo sr. Joaquim Gonçalves, proprietário, de 69 anos de idade.

Deixa viúva a sr.º D. Joaquina Afonso Viegas e era pai das sr.º D. Maria dos Anjos Viegas Gonçalves e D. Cesaltina Viegas Gonçalves de Brito da Manta e genro do nosso prezado assinante e amigo sr. Daniel de Brito da Manta.

As famílias enlutadas apresenta a «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido pezar.

Os pés doem-lhe?

Use a Palmilha Espuma de Latex: invenção alemã... Uma verdadeira almofada para os pés.

Vende-se em Loulé na Casa de Solas e Cabeleiras de João Martins Rodrigues, R. Almirante Reis, 23.

— o — o — o — o — o — o —

Número especial de

«Os Transportes»

dedicado ao Algarve

Foi posto à venda este «NUMERO ESPECIAL» com 52 páginas e cerca de 120 fotogravuras—podendo ser adquirido nas Livrarias e Tabacarias do Algarve, ao preço de 7\$50.

Em Lisboa vende-se na «CASA DO ALGARVE» e na Tabacaria Mónaco.

AGÊNCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

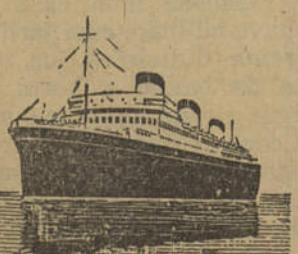
Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares



A Voz de Loulé

Caridade Outonal

(Continuação da 1.ª página)

consolação outonal que esta Loulé me mandou, na melhor das intenções, acredito. E iguais a estas, quase meia dúzia.

... «Espera e confia...».

Esperei e confiei mais de não sei quanto tempo. O que há-de uma pessoa fazer senão isso quando aguarda a esmola?

... «espera e confia. Digo-te adeus e fico-me a olhar essas folhas amarelas que cantam, mesmo a morrer... até ao fim...».

Caramba! Sempre há altruiemos nesta vida! Folhinhas amarelas cantando até morrer. Claro. E em morrendo reza-lhe por alma. O necessário é cantar, cantar até ao fim, esta excomungada vida. Cantar para que os sensíveis timpanos não se arranhem com alguma verdade das que perturbam a digestão e alteram o sorriso. Canta, cão! Canta que quando a voz se acabar, as folhinhas dos plátanos tombar-se-ão em cima e o teu enterro será lindo para os poetas comporem estrofes e terem ocasião de falar de fraternidade rebentada deste glorioso mundo de egoísmo em que entramos.

Oh! deuses desta vida e da outra ao menos dai sempre trabalho aos pobres necessitados porque, se a uns ainda provoca sorrisos esta caridade outonal, a outros, tanta folha seca, conduz ao desespero e só apetece deitar à beira da estrada, preparando a corda das horas e rápidos sulcos.

Oh! deuses do outono e da primavera, livrai, livrai por quem sois, os pobres desempregados das garras desta caridade poética que só mais que quantas vergastadas. Ao menos — oh! Deus mil vezes bendito e bom, livra-nos das folhas amarelinhas no dia em que tivemos fome, mesmo que não seja dia de pão.

Diz-nos antes, do alto da tua bondade, um tronco castanho a que nos possamos pendurar ou então encostar até que a serena mãe Morte, nos acuda ao impossível e leve, para o sono das hármas e dos Vénus.

Oh! o leito morno da caridade final!

Maria Rosa Colaço

A França com cabeça

A França, essa douce França, entrou por fim a sua cabeça na pessoa de Félix Gaillard.

Foi o mais longo período sem governo da França, um prato saboroso, suculento, cheio de molho da autêntica cosinha francesa, cosinhado por franceses, servindo aos senhores políticos que o saborearam entre discussões e ralinhos de meninos mimados, enquanto além nascente a emenda era muito apreciada.

Qual tu, qual eu tomarei conta desta grande, formosa e única França. Quantos disputaram esta cabeça, mesmo sem, num retrospectivo exame de consciência analizarem se os seus ombros não seriam demasiado frágeis para a sustentarem. Entretanto, da frente, de trás, da direita, da esquerda, faziam-se olhos ternos, diziam-se palavras meigas, minhais, num descarado à séculos XX, ao grande General de Gaulle. Chamaram-lhe homem forte e muitos nomes mais, mas ele ficou impávido e sereno, senhor músculo perante tanto indecoro.

E foi quando o desespero já reinava, que o último da lista veceu e Félix Gaillard tomou as rédias do governo. Um jovem mas homem, um desportista mas político, soube na sua juventude falar, convencer, harmonizar, conquistar e subir, Deus o conserve por muito tempo, possa ele estabilizar essa França amiga e admirada, acender novamente... a Luz da Europa.

J. N.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS dos OLHOS

Consultas às 11 h. e às 15 h.

Rua Filipe Alistão, 27

FARO



FUTEBOL
NO
ALGARVE

OLHANENSE, 2

PORTIMONENSE, 0

Jogo do Estádio Padinha, perante numerosa assistência, realizou-se no domingo passado, entre as duas equipes em epígrafe, sob a arbitragem, irregular e com influência para o resultado, do sr. Jaime Pires, de Lisboa.

OLHANENSE — Abade; Ezequiel e Rui; Vinícius, Bento e Reina; Costa, Cava, Angelo, Para-ri e Silvio.

PORTIMONENSE — Daniel; Luz e João Luis; Arquimílio, Coelho e Di Paola; Camarinha, Jorge, Romão, José António e Alexandre.

A saída pertenceu ao Olhanense que perdeu a bola pela linha de cabeceira. Em seguida o Portimonense obteve a exce-lente defesa.

Desenrolaram-se várias jogadas de igual valor, notando-se a equipa do Portimonense mais agressiva de inicio e aos 10 minutos obtem o seu único golo que, sem descurtarmos a razão, o senhor árbitro invalidou. Note-se que foi o tento mais bonito durante todo o desafio.

Até ao intervalo o resultado manteve-se em 0-0.

No segundo tempo ambas as equipes procuraram modificar o resultado vendendo-se boas jogadas de parte a parte e bela futebol.

Aos 12 minutos, numa jogada em frente das balizas de Daniel, o senhor árbitro, mais uma vez, pecou na sua arbitragem, assinalando um livre indireto, também não existente, a oito passos das redes do Portimonense, de cuja marcação o Olhanense obteve o seu 1.º golo. — Como seria de esperar o Portimonense quebrou um pouco o seu moral.

Aos 30 minutos, numa jogada do Olhanense, Angelo, junto das redes de Daniel, mete mão à bola em vez de a cabecear. A falta foi declarada que a defesa do Portimonense não ligou importância à jogada, permitindo que o Olhanense marcasse a sua 2.ª bola. O senhor árbitro não viu ou fez que não viu a falta...

Estranhámos que, em quase toda a Imprensa, se refira a péssima arbitragem de alguns senhores árbitros e que as Entidades que subentendem nestes assuntos não tenham modificado ou pelo menos procurado modificar o sistema de arbitragem, evitando-se, de certo modo, essas irregularidades que, só por si, podem alterar o resultado de um jogo, não contando com os aborrecimentos que tal pode trazer para os espectadores.

Entendemos que este estado de coisas poderia ser atenuado desde que os actos dos senhores árbitros fossem fiscalizados incógnitamente e que eles sofressem por virtude das suas irregularidades castigos monetários, pois só assim estariam com mais atenção às jogadas, dando igualmente atenção aos juízes de linha, que muitas vezes assinalam faltas e o senhor árbitro faz passá-las por despeçidas. — Ora se o juiz de linha levanta a bandeira alguma coisa se passou e tal deve ou verá ser indagado pelo senhor árbitro.

O Farense perdeu em Evora com o Juventude, por 2-1.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

FARENSE, 16 pontos; OLHANENSE e Atlético, 15; PORTIMONENSE, Juventude e Beja, 14; Serpa, Arroios e Montijo, 11; Coruchense, Estoril e Almada, 10; União de Montemor, 5; Portalegrense, 4.

JOGOS PARA DOMINGO

Arroios — OLHANENSE; Beja-Serpa; FARENSE — Atlético; União de Montemor — Juventude; Portalegrense-Coruchense; PORTIMONENSE — Almada.

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

O Louletano deslocou-se a São Brás, tendo conseguido um empate de 2-2, com os Unidos Sambrâzenses, encontrando-se, por isso em 2.º lugar da classificação geral.

Nota-se que asua brilhante actuação nesta época se deve ao valoroso esforço dispensado pelo seu treinador, sr. Cassiano, de Olhão, e à boa vontade dos atletas, que, dentro das possibilidades do Clube têm sido compensados com prémios de jogos e treinos.

O Louletano, tem recebido o patrocínio da Excellentíssima Câmara que muito o tem ajudado, mas só por si não chega para fazer face aos encargos assumidos, tornando-se, pois necessário, que os Louletanos — que se prezam sé-lo, contribuam com um pouco do seu esforço auxiliando-o, inscrevendo-se como sócio. — E já elevado o número de pessoas que ultimamente se têm inscrito como sócios e por isso contamos que outros o façam, atenuando, de certo modo, os encargos assumidos com a nova Direcção, com o fim de se obter um bom nível de futebol nesta terra.

J. G.